



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

Para Além da Natureza

Somos o coração verdejante e o mundo já reconhece isso. Reduto excelente para receber pessoas que sabem valorizar o ambiente. Acumulamos várias medalhas que reconhecem que estamos nos primeiros lugares da relação de equilíbrio entre o homem e a Natureza. Temos, nunca demais lembrá-lo (para preservá-lo), várias zonas que mereceram o selo de reserva da Biosfera, essa categoria da UNESCO focada no equilíbrio entre os homens e os ecossistemas e na defesa da Biodiversidade. A mesma organização classificou os Açores como um dos destinos com as melhores práticas de protecção do património subaquático. Registei-o há um ano nesta coluna: a carta arqueológica subaquática do arquipélago foi considerada, também pela UNESCO, como um dos cinco exemplos que representam as melhores práticas para a protecção do património cultural subaquático, a par de projetos em Espanha, França, México e Eslovénia. A maior parte dos açorianos não sabe disso – da consagração açoriana neste plano, fruto de um esforço de anos – e merecia sabê-lo. O nosso jardim marítimo é tão valorizado como o outro. Já que tocamos no assunto barcos, um dado para lembrar: numa altura em que a navegação era feita tendo como base os corpos celestes, os navegantes oceânicos orientavam-se pela parte ocidental dos Açores com o objectivo de acertar as suas rotas. Éramos a bússola. O ponto de referência.

Temos o reconhecimento pela Natureza, sim. Falta o (merecido) reconhecimento pela cultura. Não de modo excepcional mas com um sentido de conjunto. Sabemos o que valemos como histórico e como potencial cultural e falta que outros o conheçam. Por necessidade? Por uma questão de amor próprio? Sim. Como escreveu um dia Machado Pires, as comunidades precisam de reconhecimento. Mas também por justiça. Para conosco e para com o mundo. Que merece conhecer essas ilhas ainda desconhecidas sob o ponto de vista cultural e nas quais ainda se pode tanto fazer. Somos, além de um museu e de um corpo patrimonial, uma residência artística no meio do Atlântico. Para os de dentro e

os de fora. Também já o escrevi nestas Crónicas do Corpo Santo: não somos do “bairro” (somos da freguesia) mas ainda estamos agarrados ao bairrismo. Joguemos com isso, antes de mitigar a questão. Cada ilha açoriana é um bairro no meio do mar. Temos nove bairros, sim. Com graves problemas em termos de pobreza, de educação, de abandono escolar, de participação cívica e política. A coesão entre as ilhas ainda tem muito caminho para andar. Importante ir melhorando os números, que é como quem diz as vidas, e perceber que o mar e o ar podem unir.

A circunstância de Ponta Delgada se candidatar a Capital Europeia da Cultura tem uma dupla função: a de procurar aproximar, culturalmente, as ilhas, desmontando preconceitos, e de as afirmar no mundo como identidade e cultura. Todo o arquipélago será envolvido, os artistas de todas as ilhas serão convocados. Constitui o gesto também uma decorrência e um aprofundamento naturais de um movimento que tem crescido de forma orgânica, com uma abertura e uma diversidade que têm vindo a ser semeadas ao longo do tempo. A candidatura é também um incentivo para que Ponta Delgada, em particular, e os Açores, em geral, se dotem de uma maior “capacidade cultural”. A propósito: hoje há uma sessão de esclarecimento sobre o assunto (as pistas para o evento estão aqui: <https://www.facebook.com/events/625355971774349/>)

Depois de se ter constituído como povoação, obteve o título de cidade em 1546 não só devido ao seu desenvolvimento económico e social mas também pelo facto de o seu porto servir de apoio às naus da Índia que aportavam para fazer descansar os viajantes e se reabastecerem. Três séculos depois, no século XIX, afirmou-se como lugar próspero, com vasta exportação de laranja para a Europa continental e para a Inglaterra, arborizada, dado o número de jardins então criados, e cosmopolita, devido à chegada de inúmeros cidadãos estrangeiros. Cedo, a cidade passou, pois, a constituir um relevante ponto de escala na navegação nacional e internacional, a assumir uma posição geoestratégica determinante

e a representar um lugar de cruzamentos e de encontros culturais vários. A ligação com a Europa, em particular, também se efetivou através do facto de a educação dos jovens da burguesia local englobar uma viagem pelas principais capitais culturais europeias. Hoje, jovens açorianos de várias classes sociais viajam com frequência para países europeus e muitos deles para aí emigram.

Merecia ser mais conhecida e celebrada a sua tradição intelectual, feita de cafés e tertúlias e simbolizada, por exemplo, numa funda vocação jornalística. O dado ainda é um motivo de espanto. Por isso, recordei, mais uma vez, que o mais antigo jornal português em circulação chama-se Açoriano Oriental – que também é um dos dez mais antigos de todo o mundo a ser publicado de forma contínua e regular. Nunca é demais fazer um sublinhado: est representa, desde há muito, uma urbe com forte tradição em várias artes, dos mais distintas raízes, e tem-se vindo a afirmar, com cada vez mais força, como um sítio de vivos eventos culturais que vão da música às artes visuais, passando pela literatura, pela dança e pelo teatro. Encontros estes que aliam práticas ancestrais e contemporaneidade. Costume e experiência.

A caminho dos seus cinco séculos de existência, Ponta Delgada é, hoje, uma cidade plural, destinada a ser renovada no seu centro histórico, para se tornar um lugar com menos carros e uma respiração mais aberta. Uma cidade de conventos e galerias de arte. De livrarias e de lojas de bijuteria. De bailes de debutantes e concertos em lojas de roupa. De bifes com massa de malagueta e menus vegetarianos. De centros comerciais e mercados municipais. De grandes marinas e jardins românticos. De lojas de discos e tabacarias. De grupos corais e rappers. E de múltiplos equipamentos, que lhe permitem acolher eventos das mais diversas áreas artísticas e culturais.

Ah, declaração de interesses. Faço parte da equipa da candidatura. E o leitor, caso o queira, também.

Bandeira pela prevenção dos maus tratos na infância hasteada na Lagoa

A Câmara Municipal da Lagoa hasteou, na manhã de ontem, nos Paços do Concelho, a bandeira pela prevenção dos maus tratos na infância. A cerimónia contou com a presença da presidente da Câmara Municipal da Lagoa, Cristina Calisto e da presidente da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) da Lagoa, Vera Libório.

À semelhança de anos anteriores, a câmara não ficou indiferente à comemoração do “Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na infância”, que decorre durante todo o mês de Abril, numa campanha desenvolvida a nível nacio-

nal com o tema “Serei o que me deres... que seja amor”.

Esta iniciativa, organizada pela CPCJ da Lagoa, conta com a colaboração da edilidade lagoense e pretende promover a consciencialização da comunidade para a importância da prevenção dos maus-tratos na infância e juventude, das famílias para o exercício de uma parentalidade positiva, sem recurso à violência verbal ou física e das crianças/jovens para a compreensão dos seus direitos.

Na ocasião, Cristina Calisto revelou que gostaria que “não fosse preciso lembrar esta data, mas infelizmente

continuam-se a manter comportamentos prejudiciais às nossas crianças. Protegê-las é o nosso dever e a CPCJ da Lagoa tem feito um excelente trabalho nesse sentido. Tem sido incansável na proteção de direitos como o respeito, a dignidade humana e a defesa das fragilidades das crianças”.

Já presidente da CPCJ de Lagoa, Vera Libório, agradeceu a toda a sua equipa e lembrou que, “este não é um trabalho feito com frieza. Há muito amor envolvido. Às vezes as decisões mais difíceis são fruto de um gesto de amor, proteção e bem-estar para com as crianças. O nosso trabalho nunca

parou, nem com a pandemia. O nosso papel é responder a todas as intervenções para que somos solicitadas. O hastear desta bandeira representa a história do laço azul e do amor pelas crianças”.

Durante o mês de Abril, para assinalar esta campanha o edifício dos Paços do Concelho, a Praça Nossa Senhora do Graça e o edifício da CPCJ estarão iluminados a azul. Além disso, a CPCJ da Lagoa lançou, esta semana, o seu hino alusivo aos direitos das crianças, com a colaboração de jovens da Escola Básica Integrada da Lagoa e da professora Alda Casqueira.